

*História e literatura, segundo Peter Gay:
apropriações da realidade*



Ana Amelia M. C. Melo

Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). anamelia@gmail.com

História e literatura, segundo Peter Gay: apropriações da realidade

Ana Amelia M. C. Melo

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 184 p.



No âmbito acadêmico, no Brasil e no exterior, os trabalhos de Peter Gay, historiador alemão radicado nos Estados Unidos desde a década de 1940, têm gerado, apesar das polêmicas que suscitaram, uma crítica quase sempre favorável graças ao rigor de seus estudos e erudição, aliados a uma narrativa clara e elegante. Seus trabalhos estão voltados para uma história social das idéias e da sensibilidade nos séculos XVIII e XIX no mundo europeu. Neste livro, o autor segue trilha semelhante ao procurar pensar as possibilidades de compreensão dessa sensibilidade por meio da literatura. Seu tema é dedicado especificamente ao exame de três importantes obras literárias: *A casa sombria*, de Charles Dickens, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *Os Buddenbrook* de Thomas Mann.

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, ela está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Inserida no movimento da sociedade, esta tem sido abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas redes de interlocução, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz.¹ Em grande parte, esses estudos colocam uma questão central: que relação pode ser estabelecida entre realidade e ficção? Esta pergunta é o tema central do novo e sugestivo livro de Peter Gay.

Propondo-se a pensar o que os romances podem dizer ao historiador, o autor não deixa de chamar a atenção para a necessidade de uma pesquisa acurada dos elementos “externos” ao texto, no dizer de Antonio Candido, e que melhor podem situar as pistas apresentadas por uma obra de ficção. Como documento de uma cultura e também limitada por esta, a literatura, como toda produção artística, ainda que seja uma atividade livre e criadora, tem sua matéria fundada na realidade mundana na qual se movem os homens. Mais do que uma relação direta ou óbvia, ela deve ser posta como uma complexa problemática que para o historiador significa igualmente pensar a construção de seu conhecimento. Se a literatura pode ser um “tesouro de conhecimento”, este, no entanto, não é evidente por si. Para Peter Gay é preciso desconfiar, interrogar as palavras do escritor.

Dividido em três capítulos, além dos costumeiros prólogo e epílogo, *Represálias selvagens* vem enriquecer o repertório de debates, no campo da história, em torno não apenas da importância da literatura como fonte, como

¹No Brasil podem ser citados, de modo indicativo: CHALHOUB, Sidney (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, *idem*, Machado de Assis historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, e PESAVENTO, Sandra Jathay *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002.

especialmente das complexas questões que se interpõem nessa relação. Para empreender sua análise, Peter Gay faz a escolha alusiva de três obras com o intuito preciso de pensar as gradações entre realismo e realidade.

A publicação já inicia com um prólogo que torna claro o ponto de partida de Gay, qual seja o de tomar cautelosamente a literatura como documento de uma cultura, analisando-a por intermédio de um olhar que pressupõe rigor metodológico. Por que cautelosamente? Segundo considera o autor, a análise não pode deter-se na própria ficção. Deve, sim, percorrer as fontes motivadoras, que, resumidamente, seriam três: a sociedade, a arte e a psicologia individual. O processo, que não é direto ou mecânico, está eivado de conflitos. Sobre o escritor recai a síntese que realiza, no personagem individual, dos códigos de uma sociedade. As pistas são claras, porém nada fáceis. Peter Gay parte para os exemplos concretos nos quais busca efetivar sua reflexão.

O primeiro objeto de seu estudo é Charles Dickens em *A casa sombria*. O fio condutor do estudo é o da representação da realidade que os escritores escolhidos defendiam firmemente. Como nos aponta Gay, Dickens queria que todos soubessem que sua ficção partia de fatos. Ainda que seus personagens fossem muitas vezes criticados pelo exagero melodramático que lhes roubavam verossimilhança, o leitor é conduzido pelo mundo de conflitos e opressão social e pela força dramática deles na vida de seus protagonistas. A crítica social, sua posição política, seu humanitarismo transbordam com furor nas suas páginas e fornecem ao historiador rica matéria de reflexão sobre a sociedade britânica do XIX, fundamentalmente na visão de seus críticos.

No segundo capítulo, Peter Gay se concentra numa das obras mais importantes de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*. Como no capítulo anterior a pesquisa documental oferece subsídios decisivos para a análise de Gay. Graças, notadamente, à correspondência de Flaubert, é possível compreender o grau de preocupação do escritor francês em realizar um trabalho fundado na pesquisa minuciosa da realidade. Sua paixão pela verdade transforma essa obra-prima num manifesto contra a “inautenticidade burguesa”, como gostava de chamar Flaubert. O historiador vê deslizar nessas linhas, um exercício de aproximação investigativa quando se recorre à literatura. Por que a preferência do escritor por determinado tema? E como se realiza esse projeto? O que isso representa para a sociedade de seu tempo? Quem eram seus leitores? A cultura francesa é vislumbrada na obra de Flaubert filtrada pelo olhar de uma vanguarda profundamente crítica, numa perspectiva antiburguesa. Vale lembrar o escândalo e conseqüente processo contra a moralidade de que foi vítima Flaubert. A posição política do escritor francês numa França pós-revolucionária, ainda bastante conturbada, e os propósitos que o impulsionaram alcançam relevo na obra de Peter Gay.

No terceiro capítulo, o historiador chama a atenção para o que considera um ato de vingança do escritor contra a sociedade, evocando as palavras de Thomas Mann. É com base na experiência do autor alemão, de sua biografia, que busca os indícios para compreensão de *Os Buddenbrook*. Se Thomas Mann reivindicava a procedência de sua análise no campo dos estudos sociológicos, para Peter Gay ela deve ser pensado também como testemunho pessoal. Na ótica deste, entretanto, não se trata de um simples estudo da psicologia do autor como fonte única de análise literária. Antes,

Os Buddenbrook são encarados como um cuidadoso estudo crítico de Mann sobre sua experiência na sociedade burguesa do início do século XX. Peter Gay faz convergir, por um lado, Mann e a linha crítica de Flaubert. Não obstante, a oposição entre vanguarda e burguesia se mostra atravessada de conflitos que, para Mann, não podiam ser resumidos no confronto entre materialismo e paixão aristocrática.

O lugar dessas três obras em *Represálias selvagens* pode ser bem apreciado nas reflexões contidas no Epílogo. Aí, o autor nos proporciona uma aprofundada reflexão sobre “as verdades das ficções” (título do último capítulo), e examina a ficção na história, retomando um debate turbulento sobre as relações do discurso histórico e do discurso literário com a verdade. Explicitando sua posição realista, contra os relativismos em voga, Peter Gay procura situar-se a partir da crítica seja de uma autonomia radical da ficção, seja da impossibilidade da verdade. Se a primeira nega qualquer possibilidade ao historiador de conhecer as mentalidades individuais e coletiva, bem como o universo das sensibilidades humanas, a outra radicaliza o impedimento, uma vez que afirma inexistir realidades ou verdades, mas apenas representações. A posição de Peter Gay não deixa lugar a dúvidas: o relativismo conduz inevitavelmente ao subjetivismo. Para a história significaria uma regressão de seu *status* autônomo de ciência, que, apesar da falibilidade de todo conhecimento, se sustenta numa procura de objetividade pautada em procedimentos estabelecidos coletivamente.

Enfim, neste livro, com sua narrativa elegante, Peter Gay retoma e atualiza o rico debate da literatura como fonte para a história, reafirmando a necessária interlocução entre elas e saindo em defesa de um ponto de vista rigoroso de investigação que não dispensa o auxílio de outras fontes. Em outras palavras, como diria Peter Gay, se é possível haver história na ficção, não deve haver ficção na história.



Resenha recebida em abril de 2011. Aprovada em junho de 2011.